

CACAU NA REGIÃO SUL DO AMAPÁ

COCOA IN THE SOUTHERN REGION OF AMAPÁ

FILOCRAÃO, Antônio Sérgio Monteiro¹
PAULA FILHO, Galdino Xavier²
SILVA, Irenildo Costa³

Área Temática 1: Desenvolvimento Rural Sustentável, Dinâmica Territoriais e Conhecimentos Tradicionais.

Modalidade: Resumo expandido

1. Introdução

Atualmente, a produção do cacau já configura uma atividade de grande importância econômica para muitas comunidades ribeirinhas da Amazônia. Onde ainda não se tem uma comercialização efetiva e consolidada, o cacau nativo representa um produto da sociobiodiversidade com potencial de geração de renda para as comunidades ribeirinhas. Este último caso é o cenário que se tem na região Sul do Amapá, sobretudo nas comunidades e assentamentos na margem esquerda do Rio Amazonas, com o cacau nativo em fase de um processo recente de comercialização e produção mais intensos.

Diante do contexto de produção e comercialização recentes, a partir 2020, buscou-se, por meio da pesquisa, realizar um estudo na região com o objetivo analisar o cenário da produção do cacau. A necessidade da pesquisa surge de uma demanda apresentada pelos próprios agricultores que têm produção em suas áreas, mas não têm ainda estruturada uma cadeia de produção; assim como também surge das atividades de um projeto aprovado na iniciativa Amazônia+10, CNPq/FAPEAP; e do projeto Cadeias Produtivas (PPGDAS/UNIFAP), os quais, dentre seus objetivos, buscam levantar informações sobre a dinâmica das cadeias produtivas no Sul do Amapá, o que possibilita também identificar produtos em potencial econômico, como no caso do cacau.

O cacau apresenta importância econômica e social no mundo, sendo a matéria-prima para a fabricação de um alimento amplamente consumido: o chocolate (Costa, 2023). Esse é

¹ Universidade Federal do Amapá; afilocreao@gmail.com

² Universidade Federal do Amapá; galdino.filho@unifap.br

³ Instituto Federal do Amapá; irenildo.silva@ifap.edu.br

um produto que já faz parte da vida do homem moderno (Silva, 2007). Além da produção do chocolate, existem outros importantes usos do cacau. A indústria farmacêutica e de cosméticos produz perfumes, xampus, sabonetes e cremes hidratantes. A indústria alimentícia produz doces e geleias. Além disso, tem-se a produção da polpa, vinho e o licor (SOS Amazônia, 2017).

Na Amazônia brasileira, desde o período de ocupação dessa região pelos portugueses (1616), o cacau foi um produto explorado juntamente com os produtos denominados “drogas do sertão” (Silva, 2007). Antes mesmo da colonização da Amazônia, as populações indígenas já povoavam os rios e suas margens, tendo disseminado o cacau pelos cursos dos rios (Instituto Pacto Amazônico, 2013). As primeiras plantações oficiais de cacau na Amazônia foram estabelecidas em 1674, estando o cultivo bem desenvolvido e estabelecido durante o período pombalino, 1750 a 1777, conhecido como o boom do cacau na Amazônia (Díaz-Valderrama; Aime, 2020). Segundo Afonso (1979), o estímulo à produção de cacau configurou-se como a primeira tentativa de incentivos fiscais em favor do desenvolvimento da Amazônia.

O período da exploração da borracha na Amazônia representou a disseminação do cacau de forma mais intensa na região, especialmente como fruta de quintal para consumo próprio. Esse momento contribuiu para que o cacau seja encontrado e componha naturalmente a paisagem da floresta amazônica ao longo dos rios de águas barrentas, as várzeas, cujos solos apresentam fertilidade natural para o desenvolvimento do cacauzeiro (Instituto Pacto Amazônia, 2013).

Segundo o Infloresta (2023), o cacau não só representa uma espécie icônica da Amazônia, como também pode trazer enorme benefícios para a região. Do ponto de vista ambiental, é uma planta perene e nativa, e quando cultivada em sistemas agroflorestais pode promover a recuperação de áreas degradadas, a recomposição de reserva legal e a captura e armazenamento de carbono. Do ponto de vista econômico, a produção tem enorme potencial de geração de renda e, do ponto de vista social, o cultivo de cacau tem excelente potencial para gerar empregos e fortalecer a agricultura familiar.

2. Metodologia

A pesquisa foi realizada na região Sul do estado do Amapá, tendo como ponto de coleta de dados a Foz do Mazagão Velho (assentamento de reforma agrária do INCRA) e o Rio Ariramba, Baixo Cajari (Reserva Extrativista do Rio Cajari). Ambas comunidades estão

localizadas no município de Mazagão, às margens do rio Amazonas. Para alcançar o objetivo proposto, tomou-se como método de pesquisa as avaliações quali-quantitativas. Os dados foram coletados por meio do uso dos mecanismos de observação, entrevistas e aplicação de formulários. No total, foram realizadas 15 entrevistas, considerando os extrativistas que têm mais dedicação na produção de cacau.

3. Resultados/Discussões

O cacau não é exclusivamente nativo nas áreas pesquisadas. Há a ocorrência de plantas de cacau nativas e outras que foram introduzidas por cultivo. Identificou-se a ocorrência de propriedade em que se contabiliza cerca de 110 árvores nativas e propriedade em que se contabiliza 500 plantas cultivadas. Essas são as maiores expressões identificadas em campo tanto para o cacau nativo quanto o cultivado. A menor quantidade foi 25 árvores, considerando nativa e cultivo.

O maior interesse pelo aumento da produção tem ocorrido de acordo com o nível de oportunidade de venda e melhoria no preço. Os extrativistas se mostraram otimistas com a consolidação do aumento e certeza de venda para maior quantidade de produção. Essas oportunidades de comercialização têm provocado tanto o plantio quanto a busca e limpeza de árvores nativas de cacau. Quanto mais a comercialização vem mantendo uma sequência de compradores, mais famílias estão direcionando interesse para a coleta e produção de cacau.

O período de produção e coleta do cacau se estende de março até agosto, com maior pico de produção entre maio e julho. A floração tem início no mês de janeiro. De acordo com as entrevistas, a produção de uma única árvore varia de 15, quando no início da produção, considerando a planta cultivada, ou quando da primeira limpeza de uma árvore nativa, a 250 frutos de uma árvore que já produz há muito tempo e recebendo certa condução de manejo.

A quantidade de cacau produzida na região varia muito entre as famílias. Isso tem relação com a quantidade de plantas que estão produzindo. No ano de 2024, a quantidade produzida por família na região variou de 16 a 60 quilogramas, considerando as amêndoas já secas. Quando se considera a produção na modalidade molhada, a quantidade mais expressiva foi de 305 quilogramas. Desde 2020, quando, segundo os entrevistados, a comercialização do cacau começou a despertar o interesse pela coleta e produção, a quantidade produzida vem aumentando ao longo dos anos.

O cacau é comercializado na própria comunidade. Os principais compradores, segundo os entrevistados, vêm do estado do Pará. Foram identificadas três formas de comercialização do cacau: fruto, seco e molhado. Segundo os entrevistados, a venda na modalidade seco é a mais atrativa porque o preço é melhor. Entretanto, a comercialização da amêndoa já seca demanda cuidados, técnicas, tempo e espaços adequados por conta da qualidade durante o processo de secagem. Não há um controle quanto ao grau de umidade do cacau produzido na região. Sendo assim, os compradores têm preferido realizar a compra do cacau na modalidade fruto ou molhado, e depois realizam o processo de secagem.

O processo de secagem é um desafio para as famílias. As limitações para realizar a secagem das amêndoas tem feito com que algumas famílias não realizem a comercialização do cacau na modalidade seco, realizando a venda do cacau molhado, assim como do próprio fruto. Não existe uma estrutura específica para o processo de secagem, como caixa de fermentação, espaço próprio para espalhar o cacau durante secagem entre outros. Segundo as entrevistas, após a coleta do cacau, o mesmo é quebrado e as amêndoas são depositados em recipientes como baldes, isopor ou paneiros para o início da perda de umidade e do volume da polpa.

Segundo os entrevistados, já é realidade que o cacau tem se configurado como mais uma fonte de renda. Entretanto, as oportunidades de comercialização ainda se apresentam como o principal termômetro para indicar sobre a quantidade produzida. As expectativas dos extrativistas é aumentar a coleta e produção do cacau, mas a consolidação dessa expectativa está muito relacionada com a capacidade e certeza de comercialização, principalmente na comunidade Foz do Mazagão Velho, onde o número de compradores é limitado.

Outro desafio que faz parte da realidade das famílias no Sul do Amapá, quando se trata de coleta e produção de cacau, é o processo de fermentação. Nenhuma família na região tem estrutura adequada para realizar tal processo, o qual é realizado de forma tradicional, ou seja, “do jeito que é possível”, segundo o relato de um dos entrevistados. Isso faz com que o processo realizado não alcance o resultado esperado, em termos de perda e controle de umidade.

Também foi pontuado sobre a necessidade de assistência técnica. A cultura do cacau demanda determinados conhecimentos para o manejo e secagem. Constatou-se, de maneira geral, que as plantas de cacau não têm recebido podas e isso pode ser um fator limitante na produção de cacau na região, uma vez que a poda é considerada uma medida crucial para

umentar a produção e produtividade. Para além do processo de poda, os extrativistas acreditam que a assistência técnica será de grande contribuição no controle de doenças, como a vassoura-de-bruxa, e de animais que prejudicam na produção, como os roedores.

4. Considerações Finais

Pode-se pontuar que o cacau se configura como cultura promissora para a dinamização da economia na região Sul do Amapá. Acredita-se que sua valorização, tanto nativo quanto plantio, seja uma alternativa para contribuir no processo de avanço nas condições socioeconômicas das famílias da região. Entretanto, a estratégia para o desenvolvimento e crescimento da produção de cacau requer estímulos e incentivos no processo de comercialização, bem como a oferta de assistência técnica, uma vez que a cultura do cacau demanda determinados conhecimentos na condução do plantio, manejo e secagem. Além do mais, é salutar pensar políticas públicas que direcionem esforços para a valorização do cacau.

5. Referências Bibliográficas

AFONSO, F. M. A. **O cacau na Amazônia**. CEPLAC. Boletim técnico 66. Centro de pesquisa do cacau. Itabuna, 1979.

COSTA, F. S. **Avaliação de efeitos de curto e longo prazo da produção e preço na exportação cacauera brasileira**. Dissertação (mestrado em Agronomia). PPGA/UFRA, Belém, 2023. 43p.

DÍAZ-VALDERRAMA, J. R.; LEIVA-ESPINOZA, S. T.; AIME, C. A história do cacau e suas doenças nas Américas. *Phytopathology Review*, v. 110, nº 10, p. 1604-1609, 2020.

INFLORESTA. **Oportunidades para o aprimoramento da cacauicultura na Amazônia Brasileira**. Nº 55, Salo Coslovsky, Amazônia 2030, 2023.

Instituto Pacto Amazônico. **Em busca de qualidade: experimentos participativos de cultivo e beneficiamento de cacau em Humaitá, na calha do Rio Madeira**. Projeto Fronteiras Florestais. Humaitá, 2013.

SILVA, E. S. **O cacau no Amazonas: um estudo sobre sua história, políticas, produção e comercialização em Coari, Manaus e Urucurituba**. Dissertação (mestrado em Agricultura no Trópico Úmido). INPA/UFAM. Manaus, 2007. 133p.

SOS Amazônia. **Cacau nativo da Amazônia: boas práticas de produção recomendadas para o vale do Juruá no Acre**. 1º edição. Valores da Amazônia. Rio Branco, 2017.